



4º EPPAC

Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe

13, 14 e 15
Set / 2017

Boa Vista / Roraima - Brasil

DIVERSIDADE CULTURAL E GLOBALIZAÇÃO: OS DESAFIOS QUE SE IMPÕE A ESCOLA DE FRONTEIRA

Graciete Barros Silva¹
Oswaldo Piedade Pereira da Silva²

RESUMO: O trabalho que aqui apresentamos, faz parte dos estudos feitos para o trabalho de conclusão de curso- TCC da Universidade Estadual de Roraima/UERR, evidenciando a diversidade existente na Escola Municipal Alcides da Conceição Lima no Município de Pacaraima –Roraima. Desta forma, por Pacaraima estar definitivamente localizado numa região de fronteira e por abrigar diferentes culturas identificamos que os professores dentro de suas salas de aulas possuem quatro tipos de alunados, Venezuelanos, Indígenas, Guianeses e Brasileiros além de crianças oriundas de outros estados brasileiros, contudo, por nossa sociedade ser diversificada ainda prevalece a ideia da monocultura e de não aceitação do que lhe é “diferente”.

PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; Diversidade; Cultura e Educação.

ABSTRACT: The work presented here is part of the studies done for the conclusion of the course - TCC of the State University of Roraima / UERR, evidencing the diversity existing in the Municipal School Alcides da Conceição Lima in the Municipality of Pacaraima -Roraima. In this way, because Pacaraima is definitely located in a border region and because of its different cultures, we have identified that teachers within their classrooms have four types of pupils, Venezuelans, Indigenous, Guyanese and Brazilian, as well as children from other Brazilian states, Because our society is diversified, the idea of monoculture and non-acceptance of what is "different" still prevails.

Keywords: Multiculturalism; Diversity; Culture and Education.

¹ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Roraima- UERR. email: sgraciete.barros@gmail.com

² Mestre em Educação Escolar pela Universidade de Sorocaba- UNISO.

1- INTRODUÇÃO

Vivemos numa época marcada por intensos processos de deslocamentos humanos sobre a superfície da terra. Acompanhando esse processo outros fenômenos, com intensidade ainda pouco mensurado produzem efeitos culturais e sociais de peso na complexidade da vida da humanidade. Na conjugação de diferentes ações são desenvolvidos comportamentos e novas configurações na ordem das coisas construídas pela engenhosidade e correlação humana, sendo o caso da acelerada dependência que os indivíduos experimentam frente aos recursos tecnológicos. Tais produtos humanos não servem apenas para promover a aproximação e a diminuição das fronteiras reais e culturais existentes entre países e povos, contribuem igualmente, quando colocados a este fim, com conflitos de diferentes ordens e finalidades. Promovem ainda a divulgação de mensagens e ideologias incentivadoras do ódio entre culturas e nações distintas; incitam e criam posturas e atitudes que atentam contra a dignidade humana do Outro muitas vezes relegando-o ao submundo da indiferença.

Essas ações ao mesmo tempo em que revelam uma nova configuração na dinâmica cultural da humanidade, chamam atenção para necessidade de se construir coletivamente um projeto de sociedade que tome o paradigma da globalização não como uma realidade dada inquestionável; um produto inocente e neutro, e sim como o resultado de um processo histórico articulado através mecanismos nem sempre perceptíveis de imediato. Isso implica, por assim dizer, que se faz necessário assumir que a especificidade da sociedade humana na contemporaneidade, guarda articulações que envolvem profundamente toda a coletividade de agentes e seus mecanismos estruturantes e estruturados, incluindo obviamente a educação escolar e suas práticas próprias.

Uma dessas articulações dizem respeito ao fato de vivermos em uma sociedade que se desenvolve e se organiza a partir de culturas diferentes e próprias. Sendo assim, as sociedades humanas são constituídas pela pluralidade das culturas, assumindo um caráter de sociedade heterogênea, formada por indivíduos de diferentes, culturas que ao se relacionarem o fazem manifestando sentimentos variados, mesmo que isso signifique viver num mesmo ambiente onde são articulados e produzidos processos históricos particulares no tocante aos limites e especificidades de cada um. A conjugação da diversidade de povos e culturas que habitam um mesmo

espaço, lugar ou país, ou que cotidianamente por circunstâncias diversas se relacionam, tem genericamente sido chamada de sociedade multicultural, embora esse seja um termo empregado com pouco rigor semântico entre aqueles dele fazem uso.

Assumindo assim, uma perspectiva crítica sobre o tema da diversidade cultural na sociedade contemporânea e sua relação com o fazer educativo em uma realidade de fronteira, Roraima-Brasil, o presente artigo é um recorte teórico de um trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Pedagogia com Ênfase em Educação Escolar Indígena da Universidade Estadual de Roraima – UERR. A questão que orientou todo o trabalho, consistiu em investigar “*Quais as dificuldades de se praticar uma educação multicultural no 2º ano de uma Escola de Ensino Fundamental localizada no Municipal no município de Pacaraima, Roraima*”, tendo em vista, que a escola é constituída por diferentes culturas como a indígena, a afrodescendente, a cultura dos brancos, além de receber alunos oriundos de outros países e de outros Estados brasileiros.

Para esse trabalho, conforme mencionado acima, o recorte e o limite proposto consistem em uma reflexão sobre as dificuldades de se trabalhar no ambiente escolar de forma indissociável teoria e prática no tocante a diversidade cultural vigente na sociedade globalizada contemporânea. Como referência usaremos a ideia de homogeneização presente nas ações e padrões educacionais que fundamentam os discursos e práticas educacionais recorrentes.

Sem a pretensão de esgotar o debate que suscita o tema, as reflexões foram produzidas no limite de uma realidade específica, sem nenhuma condição objetiva de ser transplantada para outras realidades, nem com a possibilidade imediata de servir como uma panaceia para os problemas identificados ao longo do estudo e na realidade histórica em que foi desenvolvido. Para a construção teórico-metodológica desse artigo, procedeu-se com as pesquisas sobre literatura dos temas: Multiculturalismo, Diversidade, Cultura e Educação.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1 Cultura, Diversidade e Homogeneização no fazer educativo

A diversidade por se fazer presente na formação histórico e social brasileira é algo irrefutável, tendo em vista que, a mistura de raças promoveu essa gama de

heterogeneidade. Sendo assim, a literatura científica mostra que antropólogos, historiadores, sociólogos e diversos outros cientistas sociais já se propuseram a tarefa de definir e compreender a cultura. Baseados em concepções ideológicas e, sobretudo, na diversidade cultural, buscaram e buscam compreender esse fenômeno especificamente humano. Entretanto, nem todos consideram a sua importância, revelando assim uma percepção que acaba por negar a existência da mesma. Isso implica em limitações, cujas distinções estão entrelaçadas e dificultam assim a efetivação de políticas públicas, originando discrepâncias, isto é, desconsideram as diferenças sejam elas: gênero, étnicas e sobretudo cultural.

Neste sentido, o respeito à valorização do diferente, principalmente quando este encontra-se inferiorizado, ou seja, em um grau de insuficiência para resolver algum problema requer um olhar diferenciado, através do qual a escola deve ser o local privilegiado para desenvolver políticas e estratégias em relação a diversidade, respeitando e entendendo que a sociedade a qual pertencemos é plural.

Deste feita, pensar a realidade da diversidade cultural no mundo contemporâneo e suas diferentes conexões, consiste em um grande desafio. No caso do Brasil, mas não só, essa realidade tem levantado novas questões, principalmente no campo da educação, uma vez que tanto a escola quanto os educadores estão envolvidos nos processos cotidianos onde as expressões sociais e culturais ganham sentido e significado múltiplos.

Em seus desdobramentos, pode-se dizer que a cultura material e imaterial assumem classificações e passam a ocupar no jogo social lugar diferenciado conforme os interesses de classe e o mando do poder, na qual essa intencionalidade atende a interesses próprios e suas implicações sobre os processos sociais e educacionais aparecem travestidos na forma de ações práticas que quando vistas descontextualizadas parecem ser promotoras do reconhecimento e da relevância da cultura do Outro.

Na realidade essas práticas na maioria das vezes escondem um meticuloso e elaborado processo de esvaziamento e de negação da especificidade simbólica e filosófica inerente à cultura dos sujeitos historicamente colocados na condição de subalternizados. Esse comportamento indica não apenas um desprezo fundante e histórico das classes antagônicas como advertido por Marx, mas a incapacidade de conciliação dessas classes e culturas.

A crítica aqui formulada, se dá uma vez que a ideia de cultura que defendemos é aquela que não se limita aos artefatos produzidos em um dado período da história; que se abriga na ideia pura de instrução ou de cultivo de um conjunto de valores, crenças e hábitos assumidos como superiores e melhores por um grupo ou classe. Ao contrário, entendemos cultura como o produto real das relações materiais praticadas pelo homem mediada pelo trabalho e sua objetivação frente a natureza, isto é, tudo aquilo que esse ato exclusivo do ser humano produz de forma objetiva e subjetiva para/pelo ser humano.

De forma mais abrangente e poética, recorreremos ao pensamento de Antonio Gramsci (2012), e com ele concordamos quando este ao formular sua crítica ao ideário de cultura burguesa e dominante, nos alerta:

(...) devemos perder o hábito de conceber a cultura como um saber enciclopédico, em que o homem é visto só como um recipiente para encher e entulhar de dados empíricos, de fatos feitos e desconexos que ele terá, mais tarde, que arrumar no seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder responder, em qualquer ocasião, aos diversos estímulos do mundo externo. Esta forma de cultura é verdadeiramente nociva, sobretudo para o proletariado. Serve só para produzir uns loucos, gente que acredita ser superior ao resto da humanidade só por ter acumulado na memória uma certa quantidade de dados e datas, que debita a qualquer momento, erguendo uma barreira entre si e os outros. Serve para criar aquele intelectualismo débil e incolor (...) (GRAMSCI, 2012, p.69).

Assumindo essa perspectiva é preciso considerar o caráter conflituoso que a cultura como expressão de um grupo ou classe social assume na sociedade capitalista. Nesta linha, se faz obrigatório visitar os debates, mesmo que de forma aligeirada, acerca da relação estabelecida entre poder e de dominação, além de sua articulação com as teias da hierarquização da cultura.

Desta feita, conforme já foi mencionado anteriormente, vivemos numa sociedade plural composta por várias diversidades. Por conta dessa peculiaridade esta sociedade chega até ser desigual na medida que a globalização é um artifício pelo qual a nossa cultura é tratada de forma heterogênea, constituindo assim um grande desafio para as instituições escolares, na medida em que estas têm que estar sempre reformulando seus currículos a fim de criar estratégias para superar esse processo de homogeneização de artefatos ligados à cultura de seus educandos.

Nesse contexto, o processo de globalização da cultura segundo Golding (1993) citado por McLaren (2000, p.24) “mostra-se muito instrutivo. Ele conecta ao fenômeno da globalização os processos de padronização, rotinização e eficiência”.

Diante dessa situação, a instituição escolar tem que estar devidamente integrada com a diversidade cultural a fim de preparar sua “clientela” para que reconheçam a pluralidade cultural presente no seu cotidiano escolar respeitando as diferenças de cada sujeito que nela está inserida, dando oportunidades iguais para todos, pois, vivemos numa sociedade em que a todo instante as trocas entre o global e o local se misturam, graças a revolução industrial que criou novas formas de tecnologias intensificando cada dia mais as informações trazendo o distante para perto de nós e vice-versa.

Nesse sentido, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural – UNESCO (1978, p.3) ao se referir ao pluralismo cultural no artigo 2º assinala que:

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.

Nesse contexto, não poderemos largar nossas características relativa à nossa cultura, criando assim novos conceitos a partir de adjacentes dados previamente, que é a lógica capitalista que está em constante expansão como diria Nestor Garcia Canclini citado por McLaren (2000, p.25):

Mesmo que o desenvolvimento capitalista tenha a tendência de absorver e padronizar as formas de produção cultural e material que o precederam, a subordinação de comunidades tradicionais não pode ser total, devido à inabilidade do capitalismo industrial de ele próprio, dar trabalho, cultura e atendimento médico para todos e em função da resistência de grupos étnicos que defendem a sua identidade.

Logo, entende-se que diante da citação apresentada acima, o processo de globalização é entendido como uma estrutura de distinção entre os indivíduos que têm a mesma linguagem e necessidades, mas na medida que o desenvolvimento capitalista assume a ação principal transcendendo do espaço local para o global e do global pra o local começa surgir mudança de hábitos que McLaren (2000) vai chamar de McDonalização , conjeturando os discursos colonialistas , isto é ,surge um deslocamento daquilo que é tradicional para outros modos de axiomas afetando assim os modos de organizar a sociedade.

Sendo assim, cabe mencionar, que os educadores pesquisados na Escola Municipal Alcides da Conceição Lima declararam que estão nesta instituição entre 1 e 7 anos, e que lecionam para várias culturas, diante disso, aplicamos um questionário para sabermos como esses professores trabalhavam a diversidade cultural dessas crianças no contexto de fronteira. Como citado no decorrer deste trabalho está instituições escolar é constituída por uma diversidade de estudantes oriundos de contextos múltiplos, mas infelizmente nas palavras da coordenadora pedagógica desta instituição os educadores que fazem parte desta, não estão preparados para lidar com tamanha diversidade, ou seja, a formação destes não está condizente com a realidade desta escola.

Para melhor entendermos este contexto, foi feita a seguinte pergunta a coordenadora da escola. Senhora coordenadora ” você acha que a formação dos professores desta instituição está apropriada para lidar com a diversidade e a multiculturalidade presente não somente na sala de aula, mas nesta instituição em geral? A coordenadora “C” da Escola Municipal Alcides da Conceição Lima respondeu:

De certa forma não. Pois por se tratar de região de fronteira, eles não foram preparados para atender essa diversidade, visto que, podemos dizer que esta escola é bilíngue porque temos alunos venezuelanos e brasileiros. Então as crianças têm que se adaptar com a escola e não é a escola se adaptar ao aluno. No entanto, tanto os professores quantos os alunos no início têm dificuldade para se adaptar. Esta escola por ser bilíngue não está preparada para lidar com tamanha diversidade, ela foi preparada apenas para atender alunos brasileiros, mas por ventura acaba recebendo alunos de outra nacionalidade como venezuelano, guianenses, etc. além de indígenas, brancos e afrodescentes.

No que se refere à formação continuada dos educadores, os PCN's (1997) advertem que a falta de políticas educacionais que viabilizem discussões acerca da

formação continuada e de atos que modifiquem a estrutura das instituições escolares continua concentrada nas cargas horárias pesadas das disciplinas para os professores, logo, suas práticas pedagógicas se resumem apenas em ministrar aulas.

Deste modo, cabe a escola proporcionar aos seus educadores cursos a fim de ensinar novas metodologias para abordar os conteúdos a partir de análises e reflexões acerca da realidade dos sujeitos. No caso da escola investigada e dos professores-informantes da pesquisa parece ser nítido a necessidade de formação voltada ao contexto vigente em que estão atuando, diante disso, se num contexto de fronteira nenhuma atenção é dada aos desafios postos, é possível afirmar que o sugerido nos PCN's (1997) não passa de discurso vazio e ignorado por aqueles que objetivamente fazem o cotidiano da educação escolar no município e na escola investigada.

Deste modo, por esta instituição ser diversificada e por ser uma escola de fronteira, seus educadores deveriam estar conscientes de seu papel e conseqüentemente deveriam estar sempre pesquisando, estudando, a fim de proporcionar a seus alunos uma educação multicultural, onde o respeito e a valorização dos sujeitos sejam seus elementos essenciais na busca de uma sociedade mais democrática e participativa, sensibilizando seus alunos para um caráter aberto e valorizador da diversidade multicultural de maneira que possam vivenciar o respeito ao outro e principalmente questionando os fatores que tem provocado vários tipos de discriminações historicamente.

3- CONCLUSÃO

Por fim, entendendo que a diversidade cultural é um instrumento instituindo para compreender as ações de distinção entre as várias culturas que existem no mundo, e sobretudo, um item que promove a construção do respeito à diferença, ela passa a ter como foco unir as diferenças culturais, utilizando por exemplo a linguagem, a dança, as tradições, etc., portanto, a diversidade numa região de fronteira está preconizada aos conceitos de pluralidade, que por sua vez, é um caminho que precisa ser percorrido por boa parte das pessoas proporcionando o direito de livre arbítrio para se expressar através de sua cultura.

Deste modo, a educação é o principal instrumento capaz de fazer o indivíduo interagir com seu contexto, não apenas no aspecto intelectual, mas sobretudo,

capacitando-o para que este possa ver a sociedade na qual ele próprio está inserido transformando assim seu contexto social.

Nesse sentido, valorizar as diferenças étnicas e culturais de cada indivíduo não pressupõe concordar com os valores do “outro”, mas, implica respeitá-los em suas diferenças, isto é, significa o respeito à alteridade, eliminando qualquer tipo de preconceito e principalmente estereótipos, objetivando práxis pedagógicas que entre outras coisas deve valorizar e respeitar a pluralidade cultural.

Então, que se aproveite esse espaço escolar, tendo como foco essas diversas culturas que se encontram interligadas embora tratadas deferentes para admitir que a diversidade cultural é um dos artifícios que a escola possui para formar um pensamento de respeito em relação as pessoas, às diferenças sociais, culturais, políticas, ideológicas. Logo, o desafio é posto e deve ser confrontado numa sociedade que é multicultural e o principal obstáculo a ser vencido é o não entendimento por parte de muitos indivíduos que é o mundo é dinâmico e que há uma infinidade de culturas que habitam na nossa sociedade.

Sendo assim, é necessário processo de melhoria continua das políticas públicas para dar suporte as várias culturas que habitam no município de Pacaraima e sobretudo, torna-se necessário mais que urgente há a necessidade de uma “nova visão” sobre a diversidade cultural presente não somente na sala de aula, mas na sociedade como um todo, uma vez que essa atitude de reconhecimento das diferenças proporciona aos indivíduos um novo horizonte desmitificando preconceitos, vencendo as formas maléficas de etnocentrismo.

Diante disso, cabe mencionar que as escolas não devem se deter em apenas reproduzir um currículo pronto sem ao menos colocar questões relacionadas com a diversidade da comunidade local no currículo escolar, ainda mais sendo uma escola diversificada formada por diferentes culturas. Portanto, uma educação multicultural no Estado de Roraima passa a ser vista como uma necessidade que precisa urgentemente ser pensada principalmente nas escolas do município de Pacaraima, já que estas são escolas de fronteira que acolhem crianças de várias culturas e nacionalidades as quais necessitam ser reconhecidas no ambiente escolar em sua diversidade cultural.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.A.O. *Perspectiva multicultural em educação: Uma aproximação*. In: LIMA, A.C.G, OLIVEIRA, L.F & LINS, M.R.F (orgs.). ***Diálogos interculturais, currículo e educação***. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009.
- BRASIL. ***Lei 11.645, de 10 de março de 2008***. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 08 mai. 2015.
- CANDAU, V.M. (org). ***Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas***. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Declaração Universal sobre Diversidade cultural***. (s.d.). Unesco. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> Acesso em: 20 de março de 2017.
- FLEURI, R. M. ***Educação Intercultural: Mediações necessárias***. BRASIL: DP&A, 2003.
- FLEURY, M.T.L. *Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras*, 2000. ***RAE - Revista de Administração de Empresas***, 18-25. Disponível <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155118204002>> Acesso em: 09 abr. 2017.
- GOMES, N. L. Cultura Negra e Educação. ***Revista Brasileira de Educação***, 1-11. (23 de Maio/Jun/Jul/Ago de 2003). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05>> Acesso em: 10 mar. 2017.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. ***O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos***. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- GRAMSCI, Antonio. ***A cultura e os subalternos*** . Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- GREGÓRIO, J. (s.d.). ***Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais***. USP, 1978. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organizações-UnidasparaaEducação/AAncia-e-Cultura/declaracao-sobre-a-raca-e-os-preconceitos-raciais.html>> Acesso em: 04 junho. 2017
- LARAIA, Roque de Barros. ***Cultura: um conceito antropológico***. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- MCLAREN, P. ***Multiculturalismo Crítico***. São paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.